

Um filósofo das origens

Luiz Henrique Lopes dos Santos conciliou reflexões teóricas com a formulação de políticas científicas e de integridade acadêmica

CHRISTINA QUEIROZ

Com uma trajetória marcada pela dedicação à filosofia da lógica e à história da filosofia, Luiz Henrique Lopes dos Santos, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), morreu no dia 27 de julho aos 76 anos, no Rio de Janeiro. Lopes dos Santos desempenhou papel central na formulação de políticas científicas no estado de São Paulo e elaborou estudos de referência sobre o lógico e matemático austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Ele também dominava alemão, francês, inglês e grego, tendo traduzido diversos textos filosóficos desses idiomas para o português.

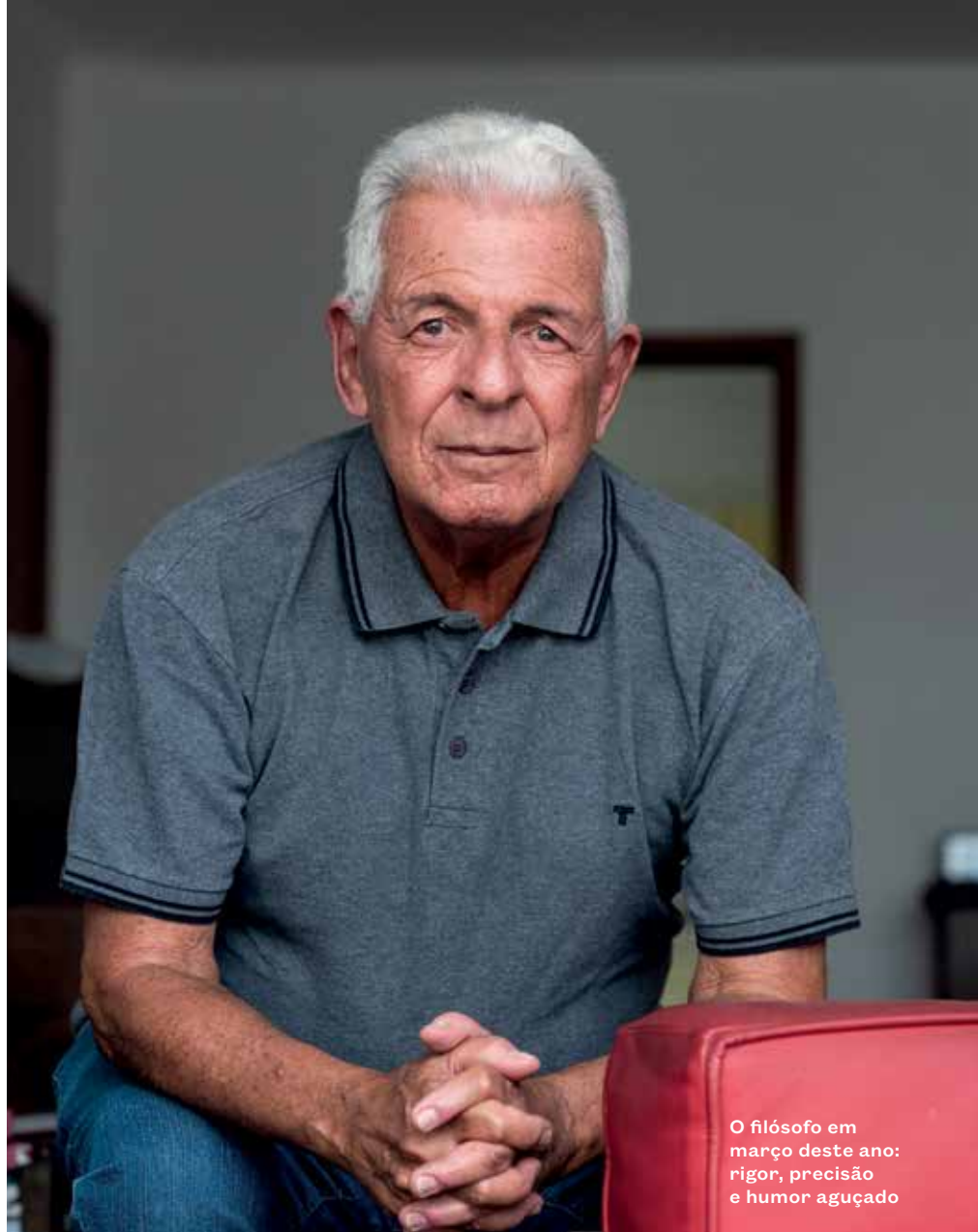
Paulistano, Lopes dos Santos começou a interessar-se por filosofia aos 15

anos, quando fazia o ensino médio. Em 1968, passou a cursar direito na USP pela manhã e filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), à tarde. A decisão de focar na filosofia foi influenciada por intelectuais como Otília Arantes e Oswaldo Porchat (1933-2017). Então, em 1969, desistiu do direito e prestou vestibular para filosofia da USP, onde se formou em 1971.

Ainda jovem, enfrentou as incertezas da vida acadêmica em um cenário abalado pela ditadura militar (1964-1985). No começo da década de 1970, professores como José Arthur Giannotti (1930-2021) e Bento Prado Júnior (1937-2007) foram aposentados compulsoriamente, enquanto outros se exilaram. Com o Departamento de Filosofia da USP muito

desfalcado, ele foi convidado para assumir o cargo de docente, como assistente de Porchat, aos 22 anos.

Sua carreira acadêmica, que incluiu passagens pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), École Normale Supérieure em Paris e Universidade Paris 7, foi marcada pela dedicação à obra do lógico e filósofo alemão Gottlob Frege (1848-1925), tema de seu doutorado, concluído em 1981 na USP, sob orientação de Porchat. A tese foi publicada em 2008, sob o título *O olho e o microscópio* (Nau Editora). Na Unicamp, ajudou a criar o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) em 1977, polo interdisciplinar que se tornou fundamental à formação de



O filósofo em março deste ano: rigor, precisão e humor aguçado

uma comunidade acadêmica de filosofia no Brasil.

Na década de 1990, Lopes dos Santos traduziu do alemão para o português e publicou pela Edusp o *Tractatus logico-philosophicus*, de Wittgenstein, acompanhado de uma introdução crítica. Wittgenstein fez parte da “virada linguística da filosofia”, movimento que colocou a linguagem no centro da reflexão filosófica. “O estudo introdutório é uma das melhores apresentações da obra de Wittgenstein que já li, revelando uma compreensão exata e uma leitura perspicaz do autor”, comenta Raul Landim Filho, filósofo da UFRJ. Na instituição, Lopes dos Santos ofereceu cursos na pós-graduação durante os anos 2000.

Além de sua produção intelectual, o filósofo deixou um legado à gestão do fomento à pesquisa no Brasil, atuando por mais de três décadas na FAPESP. Ele testemunhou a transformação de uma fundação com volume de trabalho modesto para uma instituição com ambição de “voos mais altos” (ver Pesquisa FAPESP nº 351). Coordenador da área de filosofia a partir de 1986, posteriormente passou a coordenador adjunto de Humanidades. Participou da formulação de programas de fomento à pesquisa como Projetos Temáticos, Ensino Público e Políticas Públicas.

Em manifestação coletiva, colegas de Lopes dos Santos na Coordenação Adjunta da Diretoria Científica da Fundação, entre eles a bióloga Marie-Anne Van Sluys, da USP, destacam a sua “longa e brilhante atuação transversal, que conciliava reflexões filosóficas com humor aguçado e o rigor da ética”. Nesse sentido, o grupo ressalta a concretização de duas iniciativas inovadoras na FAPESP. Em 1999, Lopes dos Santos liderou a formulação do Programa de Jornalismo Científico, e, em 2011, elaborou o *Código de boas práticas científicas*, que se tornou uma iniciativa fundamental para assegurar a integridade da pesquisa no estado de São Paulo. Lopes dos Santos acompanhou casos de má conduta acadêmica na FAPESP até 2023.

“Além de suas contribuições para o avanço do conhecimento no campo da filosofia, Luiz Henrique será lembrado pela sua dedicação à revista *Pesquisa*, da

qual foi editor por mais de duas décadas, e às questões relacionadas à ética na pesquisa”, declara o médico Marco Antonio Zago, presidente da FAPESP.

O físico José Fernando Perez, diretor científico da Fundação entre 1993 e 2005, conta que todos os programas lançados e as atualizações de normas adotadas pela Fundação nesse período tiveram seus enunciados cuidadosamente revisados pelo filósofo. “Luiz Henrique era um perfeccionista da língua e, com sua profunda formação em lógica, conseguia sempre de forma concisa e precisa aperfeiçoar nossa comunicação.”

O trabalho de Lopes dos Santos na revista, sua valorização da comunicação próxima da sociedade e a criação de um dos primeiros escritórios de integridade acadêmica no país foram destacados pelo neurocientista Luiz Eugênio Mello, diretor científico de 2020 a 2023. “Seus mais de 30 anos de contribuições à FAPESP e à ciência se desdobram em um amplo legado”, conta Mello.

“Tendo entendimento profundo sobre o funcionamento e as sutilezas da pesquisa científica, foi decisivo na FAPESP para a definição da orientação de novos programas e para o aperfeiçoamento de iniciativas existentes”, afirmou o físico Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico entre 2005 e 2020.

O filósofo Pedro Paulo Pimenta, da USP, que foi aluno de Luiz Henrique na

USP nos anos 1990, lembra que ele “era um professor exigente, mas também muito claro, que traduzia a complexidade das questões filosóficas, sem barateá-las. Quem assistiu aos seus cursos, formadores no sentido forte da palavra, jamais se esqueceu dessa experiência”.

Mesmo após a aposentadoria, Lopes dos Santos manteve-se ativo como professor colaborador na UFRJ e orientador na pós-graduação da USP. Nos últimos anos, voltou-se ao estudo do pensamento de Aristóteles, evidenciando sua persistente curiosidade intelectual e o compromisso com o desenvolvimento do pensamento filosófico.

A filósofa Fátima Regina Rodrigues Évora, do Centro de Lógica e Epistemologia, da Unicamp, ressalta suas pesquisas recentes dedicadas a estudar “a validade universal do princípio de razão suficiente” e “as ações livres pelas quais os agentes possam ser moralmente responsabilizados”, por meio de análises das obras de autores como Godofredo Leibniz (1646-1716), Aristóteles e o estoicismo, escola filosófica centrada na ética e na busca da virtude como caminho à felicidade.

Por sua vez, o filósofo Marco Antônio Zingano, da USP, recorda que Lopes dos Santos era “impaciente com pensamentos mal formulados, tinha uma imperiosa necessidade de compreender as razões em pauta, exigia precisão nos termos e elegância na expressão”. “Seus interlocutores prediletos foram Platão, Aristóteles, Leibniz, Frege e Wittgenstein, com os quais estabeleceu uma conversa exigente e sem rodeios, buscando o que é último, mas sempre na volta ao que está na origem, que é fundamento de tudo o mais”, explica.

De acordo com Zingano, nos últimos anos, Lopes dos Santos preparava uma tradução comentada do grego para o português do livro VII da *Metafísica*, de Aristóteles, obra que reúne as respostas, mas também as dificuldades e os impasses da doutrina aristotélica da substância.

Lopes dos Santos morreu em decorrência de complicações de um câncer de fígado. Deixou a esposa, Cristina, dois filhos, Mariana e Eduardo, e quatro netos. ●

Em suas aulas,
Lopes dos Santos
buscava fazer
com que os estudantes
compreendessem
a complexidade de
problemas filosóficos